

De olho na mídia

Beltrina Côrte

Na sociedade contemporânea, a mídia ocupa o papel central na vida de muitas pessoas, e a comunicação está legitimando discursos, comportamentos e ações. A mídia veicula certas representações dos velhos, da velhice e do envelhecimento, e exerce a função de ponto de referência.

A cobertura da mídia sobre o envelhecimento não está baseada no modelo clássico da comunicação - emissor/mensagem/receptor - como constituintes dos processos comunicacionais. O jornalismo é uma das instituições sociais contemporâneas que podem ser caracterizadas como destinadoras do discurso sobre o envelhecimento e a longevidade produzido por ele mesmo. É uma das instituições que nos dão existência. Uma das primeiras lições aprendidas por mim no curso de Jornalismo é que deveria retratar uma verdade para aqueles que não a veem. Durante muito tempo acreditei fielmente. Trata-se de uma crença ingênua. Até hoje nela o jornalismo é fundamentado e pautado. Uma crença falsa. Porque os profissionais do jornalismo, assim como nós, meros leitores, também somos interpretadores de realidades e o fazemos a partir de alguma plataforma.¹ De algum lugar.

Para Gomes,² *a idéia de que as notícias de jornal “retratam a realidade” não faz sentido. Não que os jornais mintam, distorçam, manipulem... Faria mais sentido dizer que eles consolidam a realidade, ou aquilo a que chamamos, muito precariamente, de realidade. Segundo a autora, o fato já nasce como relato... E o que chamamos de realidade é sempre realidade discursiva.*

Os jornalistas, antes de relatarem as notícias ditas por outros, as organizam segundo sua visão de mundo e, estas nos são passadas. Eles acabam ordenando outros relatos a partir de três critérios básicos: o tempo, que trata da urgência de um fato ser convertido em notícia; o espaço, se é local ou global; e o acidente, o mais horroroso possível. Portanto, a

¹ Ver GEERTZ, C. (1978) *A interpretação das culturas*. Rio de Janeiro: Zahar.

² GOMES, M.R. (2003) *Poder no Jornalismo*. São Paulo: Edusp, p.9-11.

mídia, no caso do nosso estudo, a mídia jornalística, o grande “monstro” por nós criado, é feita por pessoas que, como nós, também têm imagens positivas ou negativas da velhice.

Como as notícias veiculadas nos jornais são tratadas? Simples informação, devendo obedecer aos princípios da objetividade, imparcialidade, neutralidade? Ou “produto cultural” e narrativa, implicando a existência de um “jornalista-narrador” que conta histórias a um suposto “leitor-destinatário”, que espera encontrar a continuação das narrativas existentes? Para Pinto,³ *os jornalistas não produzem simplesmente artigos, reportagens ou documentários para jornais (...), eles narram histórias – que possuem estrutura, ordem, ponto de vista e valores.* Os acontecimentos cotidianos de nossas sociedades são expressos nas notícias narradas na mídia.

Não se está falando da intenção do profissional que produz as notícias em relação aos discursos produzidos, pois no momento de “fechamento” da edição do jornal, especialmente da primeira página (a última a ser escrita), a pressão é muito grande, semelhante a uma ala de emergência em hospital, na qual o saber técnico acaba prevalecendo sobre a reflexão.

Muitas vezes as informações chegam às redações por alguém que presenciou um fato, agência de notícias ou assessoria de imprensa, enfim, imagens que chegam muitas vezes já organizadas.

Formar uma opinião sobre a velhice é dar sentido às imagens dispersas socialmente. Daí a afirmação que não existe realidade a ser revelada, mas “n” realidades espalhadas. Dependendo de como cada pessoa as organiza, extraíndo-as do anonimato, elas se tornam narrativas. As imagens da velhice e da violência apresentadas neste trabalho, agora públicas, saíram do anonimato no qual estavam dispersas.

Ao se compreender que as notícias não são meras descrições de acontecimentos ou processos, acredita-se que o jornalismo retira fragmentos dos acontecimentos e processos, encenando-os e introduzindo-os em esquemas antecipadamente construídos,⁴ dotando-os de coerência e instituindo, com essa construção, a realidade da velhice. São considerados uma

³ PINTO, M. J. (2002) *Comunicação e discurso: introdução à análise de discursos*. São Paulo: Hacker, p. 87.

⁴ Ver LIMA SOARES, R. (1997) *Imagens veladas, imagens reveladas: narrativas da Aids nos escritos do jornal Folha de S. Paulo*. Dissertação de mestrado. USP.

instituição fundadora do espaço social. E, como tal, criadora de uma imagem sobre esta temática.

A este respeito, Gomes aponta *o jornalismo como de antemão implicado numa dinâmica, a disciplinaridade, que é, desde o século XVIII, a principal estratégia de poder,*⁵ pois as notícias sempre partem de algum lugar que se dimensiona pelos seus interesses específicos. Gomes acrescenta que são *discursos* atravessando e compondo os indivíduos: o ponto em que o poder se realiza numa rede microfísica.

A transmissão e a recepção de mensagens não são processos mecânicos ou lógicos. Isto porque os leitores ou espectadores não são meros receptores passivos de informações e mensagens. Não somos “esponjas” que a tudo absorvem.⁶ Cada um é “emissor” e também “receptor”. E vice-versa. Mesmo perpassados pelos discursos dessa rede.

É nela que acreditamos ser sujeitos em permanente interação. Sujeitos interpretadores. E sempre interpretamos a partir de “algum lugar”, de uma visão de mundo construída ao longo dos anos pela experiência vivida, pela formação recebida em casa, nos bancos escolares e nos grupos sociais aos quais pertencemos. Conscientes ou não, olhamos e interpretamos, sempre, de algum lugar.

Em uma investigação preliminar⁷ observamos que alguns programas (Datena-Band, Ratinho-SBT) exploram a imagem sensacionalista de algumas formas da velhice, absolutizam a miséria humana, mais uma mercadoria que tem como único objetivo segurar o ibope. Repetem imagens sensacionalistas de velhos, reduzindo a questão da velhice ao abandono, desrespeito e violência, principalmente por parte da família, do Estado e da sociedade. Na sua busca frenética pela “verdade”, “deformam” “a realidade”, tratando os idosos caricata e desrespeitosamente. Em tom invariavelmente sensacionalista, mostram uma das muitas faces do envelhecimento e da violência.

Outros, como a novela "Mulheres Apaixonadas", de autoria de Manoel Carlos, 2003, exibida pela rede Globo, mostraram ao Brasil como os idosos podem ser maltratados

⁵ Ver GOMES, M.R. (2003), p. 16 e 103.

⁶ Cf. LIPOVETSKY, G. (2004) “Somos hipermodernos”. Disponível em <http://www.sinpro-rs.org.br/extraclass/ago04/entrevista.asp>. Acesso em dezembro/2010.

⁷ Apresentada ao Núcleo de Pesquisa Comunicação para a Cidadania, no XXIX Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação, em 2006, em co-autoria com Mayra Rodrigues Gomes.

mesmo sob o teto de famílias de classe média e pelos próprios familiares. A violência doméstica resulta de um modelo cultural em que a estética é supervalorizada, em detrimento da velhice. Em outra novela, “Belíssima”, de autoria de Sílvio de Abreu, 2006, também exibida pela rede Globo, um dos papéis ocupados por alguns idosos era justamente o inverso: o velho como agente da violência contra o jovem (avó contra neta).

A mídia também mostrou o idoso refém de asilos genocidas (caso da Clínica Santa Geneveva, no Rio de Janeiro), abandonados pelas famílias, expulsos do paraíso prometido pela ciência e pelo consumo. A mesma mídia que omite a divulgação das causas da fragilização do sistema público de previdência...

Na mídia em geral os velhos aparecem mais, porque são vítimas da violência. No início da década, o Brasil tratava o velho com indiferença, e só com a descoberta de um potencial consumidor ganhou importância social. Os velhos passaram a ser mostrados em anúncios de produtos farmacêuticos, higiene, cosméticos, alimentos, bancos, automóveis, aparelhos de telecomunicações. Normalmente figurantes e não personagens principais, mas sempre carregando imagem negativada da velhice, e quase sempre associada à doença. Até recentemente, a imagem do idoso na mídia era de alguém desatualizado intelectualmente e com dificuldade de aprender coisas novas.

Depois passamos para um modelo social de velho altamente medicalizado, construído em oposição ao de jovem. A velhice está sujeita a várias nomeações cujos significados são dados sempre pela cultura. Atualmente, as nomeações clamam por uma consciência de categoria, como a palavra “aposentado” e “terceira idade”, mas sempre como um novo dispositivo de controle político e social.

Para Mercadante,⁸ há representação de identidade genérica do velho, que, pelo fato mesmo de ser geral, torna-se abstrata. O velho é aquilo que “todo mundo já sabe”, e todos o entendem como ser declinante biológica e socialmente. Todas as características a ele atribuídas, na construção da sua identidade, levam para essa representação social, para um modelo geral, predominantemente carregado de desígnios negativos.

Contudo, como a velhice não é um estado nem uma situação homogênea, mas um processo, e como há uma diversidade de velhos, pois nem todos são iguais, existem diferentes possibilidades de viver a velhice. Os papéis dos idosos nas famílias se veem

⁸ MERCADANTE, E. F. (2004) “Do geral para o particular”. In: *Revista Kairós*, v.7, n.º 1. São Paulo: Educ.

transformados pelos novos arranjos sociais. Mas também pelo crescimento vertiginoso de idosos, como mostra a pirâmide populacional no Brasil, que progressivamente adota a forma de barril, característica dos países desenvolvidos.

As pessoas idosas (acima dos 60 anos) chegarão a 2 bilhões de pessoas, indica o relatório “Previsões sobre a População Mundial 2006”, do Departamento de Assuntos Econômicos e Sociais das Nações Unidas.⁹ Segundo o documento, as pessoas com mais de 60 anos representarão 32% da população mundial em 2050, e superarão pela primeira vez na história o número de crianças. O relatório adianta ainda que o número de pessoas com 60 anos de idade ou mais (atualmente 673 milhões) pode quase ser triplicado até a metade do século, chegando aos dois bilhões. Ou seja, os idosos representarão cerca de um quarto da população mundial projetada para 2050. Nos países em desenvolvimento a faixa etária de 60 anos ou mais deverá duplicar, passando de 245 milhões (2005) para 406 milhões em 2050.

Entre 2005 e 2006, a metade do crescimento da população mundial teve como causa o aumento no número de pessoas com mais de 60 anos, enquanto a de menores de 15 anos caiu sensivelmente. Segundo estimativas do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), o Brasil terá mais de 260 milhões de habitantes em 2050, com idade média de 40 anos. Cerca de 14 milhões, no entanto, já terão ultrapassado a barreira dos 80 anos, pouco mais de 5% do total. E entre eles, provavelmente as mulheres, por terem maior expectativa de vida, serão maioria. Trata-se da feminização do envelhecimento. Hoje representam o maior número de pessoas com mais de 60 anos.

A maior parte dos idosos brasileiros está na região Sul, que concentra o maior número de Estados com alta expectativa de vida. Em Santa Catarina ela é de 74,8 anos. A Região Nordeste aparece como última colocada. No Maranhão, por exemplo, a expectativa média de vida é de 66,8 anos.

O prolongamento da vida exige redefinição das relações sociais, intergeracionais, na estrutura e funcionamento da metrópole de São Paulo, nas formas de produção, prestação de serviços, relações de consumo. Do contrário, triplicarão as diversas motivações que levam a atos violentos contra os idosos e às distintas tipologias de violências cometidas

⁹ Cf. o texto *População idosa será maior que a de crianças pela 1ª vez na história em 2050*, disponível em: <http://noticias.uol.com.br/ultnot/efe/2007/04/11/ult1766u21157.jhtm>, Acesso no dia 11/04/2007.

contra eles, como violências domésticas, institucionais, inclusive as não intencionais, como as provocadas por negligência, drogas ou alcoolismo.

Data de recebimento: 25/10/2009. Data de aceite: 30/11/2009.

Beltrina Côrte - Graduada em Jornalismo. Doutorado e o pos.doc em Ciências da Comunicação, USP. Professora do Programa de Estudos Pós-Graduados em Gerontologia, PUC/SP. Presidente do Observatório da Longevidade Humana e Envelhecimento (OLHE). Coordenadora do Grupo de Pesquisa Longevidade, Envelhecimento e Comunicação.
beltrina@uol.com.br